



Amir Escandari. Foto: Ivonete Pinto.

Entrevista: Amir Escandari

Ivonete Pinto¹

Docente nos curso de Cinema da UFPel e coeditora da revista Teorema

O cineasta Amir Escandari nasceu no Irã em 1979, justamente no ano da revolução islâmica que derrubou o xá Reza Pahlevi e colocou no lugar a teocracia xiita do aiatolá Khomeini. Tinha sete anos quando deixou o país com a família e foi morar como refugiado na Iugoslávia. Fugiam de um estado em guerra e sua história como exilado não termina Iugoslávia, pois lá ficam apenas três anos porque estourou a guerra civil por lá também. A família foi então buscar asilo definitivo na fria Finlândia. E é como finlandês que Escandari veio à 39ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo exibir *Pixadores*. O documentário foi rodado no Brasil, mas a produção é da Helsinki Film. *Pixadores* é o título original, em português, pela falta de tradução exata para o termo. Mantém a informalidade do “x” no lugar do correto “ch” e passa longe do possível “graffiti artists” que poderia dar nome ao filme, mas que em nada teria da rebeldia inerente à ação dos pichadores.

Pixadores recebeu o prêmio de Melhor Documentário Internacional na Mostra, sendo que um dos pichadores retratados pelo filme, Djan Ivson, recebeu o prêmio. *Pixadores* tem como personagens Daja, William, Ricardo e Biscoito, moradores de favelas de São Paulo, que arriscam a vida escrevendo mensagens em prédios altos. O filme mostra como são reconhecidos, através de entrevistas que dão para a imprensa brasileira, e acompanha o grupo à Bienal de Berlim, onde causam um constrangimento diplomático ao atirarem tinta no curador da bienal.

A entrevista a seguir foi concedida à revista Orson durante a Mostra e revela o entusiasmo desse diretor que estudou cinema na Universidade do País de Gales e faz sua estreia tratando de um assunto da realidade brasileira.

¹ ivonetepinto02@gmail.com

ORSON – Como se deu o interesse pelo Brasil?

Escandari – Estava em casa assistindo a uma reportagem de TV em Helsinque sobre os garotos que surfam nos trens do Rio de Janeiro. Fiquei impressionado porque vi que milhares de pessoas morriam fazendo isto. Mais tarde, quando fazia uma pesquisa para um filme de ficção e lembrei da reportagem e tive a ideia de vir ao Brasil para filmar esses “surfistas.” Só depois é que os pichadores entraram como tema principal.

ORSON – E como você se entrosou com os surfistas e os pichadores, foi aceito rapidamente?

Escandari – Demorou, tanto com um grupo como com outro. Não falo português, dependia de tradutor. Mas sempre me coloquei como alguém que estava ali para mostrar o que faziam e não para explorá-los. Decidi que iria surfar também e isto teve consequências, como entender a sensação incrível que eles tinham (a adrenalina) e a de ter sido preso, confundido como bandido que roubou uma câmera e estava ali surfando nos tetos dos trens (risos).

ORSON – Você foi preso??

Escandari – Sim, em Osasco, mas os amigos brasileiros me ajudaram, veio um policial que falava inglês e acabei solto. O importante é que tanto os surfistas como os pichadores passaram a confiar em mim. No começo não gostavam de mim, desconfiavam, me chamavam de “loco gringo”, mas depois me aceitaram. Os policiais diziam a eles: estes gringos estão pagando vocês? E os surfistas respondiam: não estamos fazendo de graça. A atitude demonstrava que estavam no filme por prazer, por aderir mesmo.

ORSON – Este episódio foi reencenado para o filme?

Escandari – Sim, porque aconteceu um ano antes, com captação de imagens precária, então voltei ao Brasil, com equipe, e reencenei chamando os mesmas pessoas. O próprio policial que falava inglês veio ajudar.

ORSON – Reencenar fatos pode ser visto como um problema para um tipo de documentário, não?

Escandari – Não sei. Só sei que não existe possibilidade de ter a verdade num filme. A partir do momento que uma câmera é ligada, acaba a realidade. Reencenar é uma forma de mostrar os fatos.

ORSON – Então você gosta dos filmes do Joshua Oppenheimer então, como *The Act of Killing*?

Escandari – Totalmente. É um dos maiores documentários jamais feitos. É uma obra-prima.

ORSON – E os pichadores, como surgiram, porque você ficou impactado com eles?

Escandari – Conheci primeiro Djan, por acaso, e então fui apresentado aos outros. Eu nunca tinha visto tanta fúria, tanta raiva e revolta juntas. Eles agem como se não tivessem um futuro. De fato eles não têm um futuro. Decidi voltar à Finlândia e buscar recursos para fazer um documentário com eles. Fiz um demo de três minutos e procurei investidores. Consegui um produtor, que buscou co-produtores na Dinamarca e na Suécia. Pouco dinheiro, somente para possibilitar que uma equipe viesse para o Brasil para filmar.

ORSON – Quanto custou o filme?

Escandari – Não sei exatamente, algo em torno de 400 ou 500 mil euros.

ORSON – E a carreira dele como está?

Escandari – É a primeira vez no Brasil, não tenho distribuidor ainda aqui, mas o filme já foi exibido em 40 festivais internacionais.

ORSON – Você está envolvido em projeto de outro filme na Finlândia?

Escandari – Sim, chama-se “Under the black sun”. É sobre a Jihad, a guerra santa.

ORSON – A propósito, você é muçulmano? Acredita em deus?

Escandari – Não, sou ateu, não acredito em nenhuma força suprema.